

À procura dos homens imaginários: o transiberismo de José Saramago

In search of imaginary men: José Saramago's transiberism

Raquel Lopes Sabino

*Mestre em Psicologia da Educação e mestranda em Criações Literárias Contemporâneas na Universidade de Évora. Integra, como bolsista de investigação, o projeto Escritoras de língua portuguesa no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e países de emigração (IELT.NOVA, CICS.NOVA/Faces de Eva e CRILUS/UR Études Romanes – Université Paris Nanterre). Estuda a obra de Maria Judite de Carvalho, tendo igualmente interesse na investigação sobre a literatura de autoria feminina do século XX. Interessa-se igualmente pela obra de José Saramago, tendo apresentado comunicações e publicado artigos a esse respeito nos últimos anos. Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - Universidade Nova de Lisboa.
Email: rlopesabino@gmail.com*

Resumo

*No seu percurso enquanto escritor, José Saramago viu-se enredado em algumas polémicas, sempre baseadas num seu juízo acerca de dado assunto, comumente contrário às ideias vigentes numa significativa parte da sociedade. Um destes exemplos é, exatamente, a sua postura iberista, ou, mais acertadamente, o seu conceito de transiberismo. Neste artigo pretende-se sistematizar o posicionamento de José Saramago, notando de que modo difere do(s) iberismo(s). Nesse sentido, procurar-se-á sintetizar a tradição iberista que o precedeu, fundamentalmente no que à Literatura Portuguesa diz respeito. Para melhor compreender o transiberismo saramaguiano serão analisadas as reflexões do autor patentes em várias entrevistas, ensaios e discursos, assim como – e ainda que superficialmente - o seu romance *A Jangada de Pedra*, o qual se constitui como uma das fontes mais valiosas para compreender a sua proposta.*

Palavras-Chave

Transiberismo, Literatura Portuguesa, A Jangada de Pedra

Abstract

*In his career as a writer, José Saramago found himself entangled in a number of controversies, always based on his judgement on a given subject, usually contrary to the prevailing ideas of a significant part of society. One of these examples is, precisely, his iberist stance, or, more correctly, his concept of transiberism. This article aims to systematize José Saramago's position, noting how it differs from iberism(s). In this sense, we will seek to synthesize the iberist tradition that preceded him, fundamentally as far as Portuguese literature is concerned. In order to better understand Saramago's transiberism, we will analyse the author's reflections in several interviews, essays and speeches, as well as - although superficially - his novel *The Stone Raft*, which is one of the most valuable sources for understanding his proposal.*

Keywords

Transiberism, Portuguese Literature, The Stone Raft

1. Iberismo(s)

Nas suas várias vertentes (económica, política e cultural), o iberismo teve oscilações ao

longo dos tempos, sendo um tema sempre controverso, com definições e propostas nem sempre consentâneas, sendo constantemente recuperado para o debate, sobretudo pelos intelectuais de cada época. Na base de qualquer uma das vertentes encontra-se o desejo de aproximação, maior ou menor, entre Portugal e Espanha (MATOS, 2007, pp. 169-193). E, embora impere a noção de que as relações entre os dois países foram, ao longo dos tempos, inexistentes ou de uma crónica tensão (se não mesmo de conflito explícito), na realidade, sempre existiram trocas significativas, em grande parte associadas à história partilhada e/ou coeva (SÁEZ DELGADO e PÉREZ ISASI, 2018).

Falando, mais corretamente, no plural, de iberismos, importa distingui-los brevemente. O iberismo económico apologiza a abolição de fronteiras e a fomentação de relações comerciais facilitadas entre os países peninsulares, enquanto a vertente política implica a fusão dos dois países numa só unidade, governada monarquicamente ou através de uma federação ou república (MATOS, 2007, pp. 169-193). Quanto a este iberismo, é de salientar ainda os projetos de anexação de Portugal como província de Espanha, mais populares neste último país (PÉREZ ISASI, 2014, pp. 64-79). Por seu lado, o iberismo de âmbito cultural, o menos conhecido e mais relevante para este artigo, afasta totalmente as vertentes anteriores, veiculando antes uma perspetiva de diálogo entre os dois países que se baseia no passado histórico e cultural parcialmente partilhado (PÉREZ ISASI, 2014, pp. 64-79; SARDICA, 2014, pp. 55-70).

Os primeiros iberistas, de âmbitos económico e político, irrompem no seguimento da Revolução Francesa, difusora de ideias de progresso e de nacionalismos unificadores, contribuindo para a crença de que países mais pequenos não teriam condições de sustentabilidade (PÉREZ ISASI, 2014, pp. 64-79). E, assim, a união entre Portugal e Espanha foi percebida como uma forma de ultrapassar a estagnação vivida e o sentimento de decadência; sobretudo à imagem das unificações italiana e alemã, o iberismo político seria um modo de progredir, vivendo o seu auge na segunda metade do século XIX (SARDICA, 2014, pp. 55-70).

2. A tradição iberista no sistema literário português

Em Portugal, o iberismo cultural encontrou apoiantes no meio intelectual, que muito divergiam politicamente, mas que concordavam na procura de relações profícuas entre os dois países, numa perspetiva de evolução conjunta (SARDICA, 2014, pp. 55-70). Particularmente no âmbito literário, surgiram nas últimas décadas deste século movimentos de muito interesse, que experimentaram um interregno após a imposição do Estado Novo em Portugal, a par do Franquismo em Espanha (PÉREZ ISASI, 2014, pp. 64-79; SARDICA, 2014, pp. 55-70). A relação entre a literatura portuguesa e o iberismo é longa e complexa, plena de posicionamentos díspares e de escritos acerca da questão. Mas, de forma geral, o seu propósito envolvia uma convergência de pensamento num sentido fraterno, considerando os aspetos que os dois países tinham em comum ou próximos, como a geografia, as origens históricas ou língua. Essa relação seria benéfica para ambos, mais fortes se unidos (não política ou economicamente) perante o resto do mundo (SARDICA, 2014, pp. 55-70).

Um dos maiores ímpetus deste movimento entre os autores portugueses está associado à Geração de 70, em especial a Antero de Quental e a Oliveira Martins, que publicaram obras com uma visão de união política e cultural entre Espanha e Portugal (SARDICA, 2014, pp. 55-70). Ambos colaboraram com a *Revista Ocidental*, que tinha como propósito,

precisamente, fomentar uma revitalização intelectual da Península Ibérica e, nesse sentido, estabelecer pontes entre escritores ibéricos e hispano-americanos (MATOS, 2007, pp. 169-193). Oliveira Martins, que muito influenciou escritores que o procederam, defendia uma aproximação cultural, que resgataria os dois países da decadência e os projetaria novamente no mundo. Embora com contornos diferentes, tal como Antero de Quental e Teófilo Braga, Oliveira Martins chegou a desejar uma federação ibérica (e não uma absorção de Portugal por Espanha), mas veio a mudar de ideias, mantendo-se apenas num iberismo de âmbito cultural (SARDICA, 2014, pp. 55-70). De qualquer modo, pelo seu iberismo, e como Antero, foi acusado de ser um traidor à pátria (MATOS, 2007, pp. 169-193).

Já em 1890, o *ultimatum* britânico a Portugal propiciou a vontade de proximidade com Espanha, com o mesmo pressuposto de que a união fortaleceria ambos, restabelecendo o respeito perdido com este acontecimento histórico, que causara angústia no país. No início do século XX, destaca-se a amizade entre o saudosista Teixeira de Pascoaes, também favorável a uma aproximação cultural, até por ter uma relação significativa com Espanha (SÁEZ DELGADO, 2008), Oliveira Martins e o espanhol Miguel de Unamuno (SARDICA, 2014, pp. 55-70). Unamuno privilegiava a identidade ibérica em detrimento da europeia, e, sendo um conhecedor de muita literatura portuguesa, acerca da qual também escreveu, difundiu-a em Espanha. Também ele queria fugir à decadência que se vivia no seu país através de um diálogo ibérico baseado nas semelhanças (MARCOS DE DIOS, 2010).

Fernando Pessoa envolveu-se na questão iberista em 1917, numa altura em que os desejos de anexação estavam refreados. Também o poeta, não se debruçando tão longamente sobre a questão como os seus congéneres mais entusiastas, reconheceu as semelhanças entre os ibéricos e as vantagens de uma união, que, no seu caso, se traduzia numa confederação, sem contornos políticos, mas apenas culturais e mentais. Para Pessoa, o espaço ibérico deveria dividir-se em Castela, Catalunha e Portugal (com a Galiza) e, formando o Quinto Império, opor-se à Europa, inimigo comum (PIZARRO E LÓPEZ, 2012).

As relações culturais entre países intensificaram-se na década de vinte, como consequência do desejo de mútuo conhecimento, impulsionado por uma elite intelectual espanhola e portuguesa. A este respeito note-se a revista *Contemporânea*, dirigida por José Pacheco e de acentuada relevância para fomentar um diálogo artístico. António Sardinha, que colaborava com esta revista, era inicialmente anti-iberista, mas constituiu-se como outro exemplo de defesa da proximidade cultural ibérica, após ter estado exilado em Espanha, experiência que o levou a alterar a sua opinião. Também para este autor a cooperação entre países seria o único modo de recuperar a grandeza passada e o seu lugar na Europa. Igualmente vindo de Espanha, mais especificamente de Madrid, em 1932, onde desenvolveu várias amizades e colaborações artísticas, Almada Negreiros escreveu sobre o tema, seguindo a mesma linha de raciocínio. Para o autor, nesta altura (1935), os dois países integravam um todo, mas deveriam ser independentes, mantendo a proximidade que lhes advinha da civilização ibérica, na base de ambos (SARDICA, 2014, pp. 55-70).

Os regimes ditatoriais, vividos praticamente em simultâneo, adormeceram quase totalmente estes movimentos durante décadas (Idem, 2014, pp. 55-70), até porque o país vizinho era para o Estado Novo o inimigo histórico (MATOS, 2007, pp. 169-193). Foi já no final deste período, e ainda com Marcelo Caetano, que se verificou uma nova tendência crescente nas relações ibéricas, com permutas culturais, sociais, artísticas e científicas. Também com a entrada dos dois países na Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, se renovou o iberismo cultural, desde logo pela publicação do romance *A Jangada de Pedra*, de José Saramago. Dois anos depois, Eduardo Lourenço escrevia *Espanha e Nós*, refletindo acerca das relações ibéricas e defendendo também uma identificação mental que contrariasse

a desconfiança crónica que os portugueses sentiam pelos espanhóis. No mesmo ano, Natália Correia publicou *Somos Todos Hispanos*, na mesma linha dos autores que a antecederam, enaltecendo as profundas semelhanças e afastando a desconfiança, no caminho de um espaço comunitário que abrangesse também países americanos e africanos de línguas portuguesa e espanhola. Também o seu contemporâneo Miguel Torga se identificava com um iberismo estritamente cultural (SARDICA, 2014, pp. 55-70), tendo publicado *Alguns Poemas Ibéricos* e, mais tarde, *Poemas Ibéricos*, obras que contavam com homenagens a figuras espanholas de referência (SÁEZ DELGADO e PÉREZ ISASI, 2018).

3. O transiberismo de José Saramago

Na minha opinião, ser escritor não é apenas escrever livros, é muito mais uma atitude perante a vida, uma exigência e uma intervenção.

José Saramago (1978)¹
(GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 203)

A proposta de unidade ibérica de Saramago desenvolveu-se num sentido “superador do iberismo tradicional²” (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 416) que, sob diversas formas, o antecedeu. O autor propôs uma ideia pioneira, que acrescentou aos iberismos habituais a pretensão de estabelecer um “espaço cultural ibérico” (Idem, 2010, p. 416) que ultrapassasse as fronteiras físicas da Península Ibérica, porque “englobaria os países de tradição ibérica na América e em África” (Ibidem, 2010, p. 416). Para melhor compreender este conceito – o “transiberismo” – é incontornável a análise do seu romance *A Jangada de Pedra*, publicado em 1986. A escrita deste romance vem a propósito da entrada de Portugal e Espanha na CEE no mesmo ano, a que Saramago se opôs veementemente, enquanto eurocético que era. Não só este dado é relevante, como também o é a “vocaçãõ ibérica” (Ibidem, 2010, p. 413) de José Saramago, que enalteceu o que de comum – e único - existe entre os territórios da Península e aqueles que lhe estão próximos emocionalmente, a sul:

É a ideia de algo que é nosso: uma maneira de viver e sentir própria, diferente da Europa, que nos deve aproximar. Não falo da união, mas sim da unidade, a unidade ibérica, que deveríamos levar connosco nessa «jangada de pedra», nessa proposta de diálogo e encontro³. (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 417)

Não obstante o reconhecimento da persistência de uma animosidade histórica entre Espanha e Portugal, de um “rencor al castellano” que inclusivamente “quién sabe, nos habrá ayudado, por el rechazo y por la contradicción, a formar, robustecer y consolidar nuestra propia identidade nacional⁴” (MOLINA, 1990, p. 6), José Saramago reconhecia o potencial que residia no desenvolvimento de relações mais profundas entre os dois países. Esta aproximação não se deveria desenrolar apenas no âmbito cultural, como comumente – e, por vezes, desejavelmente - se associa ao iberismo do autor, mas também na vertente política (SÁEZ DELGADO, no prelo). Tendo em mente a postura de Espanha, que começou a

¹ Entrevista “As últimas da escrita. Um escritor não tem o direito de rebaixar o seu trabalho em nome de uma suposta maior acessibilidade”. *Extra*, Lisboa, 1978.

² Entrevista de José Saramago ao *Diário de Córdoba* a 27 de Outubro de 1994: “Há que construir uma liberdade cultural comum”.

³ Entrevista de José Saramago: “Saramago, o pessimista utópico”, *Turia*, n.º 57 (2001).

⁴ José Saramago “Mi iberismo”, ensaio publicado originalmente em 1988.

repensar os seus territórios em consequência dos movimentos independentistas, o autor cria ser necessário “reexaminar, de alto a baixo, a questão das nacionalidades na Península Ibérica”, incluindo Portugal, e, por isso, sublinhou em diversas entrevistas a inevitabilidade da integração do seu país de origem no país vizinho que, nessa conjuntura, deixaria de se chamar Espanha (SARAMAGO, 1993).

Assim, no projeto saramaguiano, Espanha seria substituída por uma “organização superior do espaço ibérico” (SARAMAGO, 1993), isto é, uma federação chamada Ibéria, constituída por várias províncias, que incluiriam o território português, a Andaluzia, a Catalunha, o País Basco, a Galiza e Castela-Mancha. Existiria um governo central dessa federação, com representação dos partidos das várias regiões, para além de, tal como já acontece em Espanha, um parlamento próprio para cada uma delas, o que permitiria bastante autonomia. Esta unidade não implicaria uma uniformização da língua ou da cultura, mas antes o respeito pela identidade diversa de cada região (CÉU E SILVA, 2008, pp. 143-144), oposta à centralização, contrariamente a outros desejos iberistas, como o de José de Almada Negreiros, em que os intercâmbios culturais entre países se focavam somente nas capitais, Lisboa e Madrid (SÁEZ DELGADO, no prelo). No seu entender, não aconteceria a “entrada de um Portugal velho e intacto numa federação espanhola recém-nascida⁵” (SARAMAGO, 1993), mas antes uma reorganização que se constituiria como um ganho para Portugal, representante de um quinto da população do novo Estado Ibérico (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 416): “com o desenvolvimento que certamente obteríamos nesse tipo de aproximação de integração territorial – e logo política, e logo administrativa e logo estrutural – onde teríamos tudo a ganhar.”⁶ (Idem, 2010, p. 418). Desta forma, o país alcançaria uma posição mais vantajosa do que a que tem ocupado, tal como o conjunto da Ibéria ficaria também numa melhor situação perante a Europa. Poderá sentir-se neste plano uma ideia de resgate que se prende com a perceção distinta que Saramago, a residir em Lanzarote desde 1993, tinha dos dois países. Opunha Espanha, “país vivo e em progressão⁷ (Ibidem, 2010, p. 418)”, a Portugal, “país débil, economia débil, pouco ou nada importante no concerto geral das nações”, mergulhado em apatia após a (des)ilusão da revolução de 25 de abril de 1974 (REIS, 2015, p. 155).

Esta Ibéria teria ainda as simultâneas necessidade e obrigação de estabelecer um diálogo de âmbito cultural com os países das antigas colónias, a sul. O pressuposto de tal proposta era de que

a Península Ibérica não poderá hoje ser plenamente entendida fora da sua relação histórica e cultural com os povos do ultramar (...) corre o risco de perder, na América Latina, não o mero espelho onde se poderiam refletir alguns dos seus traços, mas o rosto plural e próprio para cuja formação os povos ibéricos levaram aquilo que então possuíam espiritualmente, bom e mau, e que é esse o rosto, creio, a maior justificação do seu lugar no mundo⁸. (MOLINA, 1990, pp. 8-9)

Ou seja, uma parte significativa da identidade ibérica acha-se nas trocas culturais estabelecidas no passado com aqueles territórios colonizados. Nesse sentido, existiria uma possibilidade de diálogo – e não de apropriação - entre os países da Península Ibérica e estes territórios que não se relacionaria com a pertença a uma Europa hegemónica:

⁵ Saramago em entrevista: “Uma certa ideia de Europa”, *Expresso*, Lisboa (1993).

⁶ Saramago em entrevista: “Lisboa, o mundo, em palavras de Saramago”, *Magazine*, Barcelona (2006).

⁷ Idem

⁸ José Saramago “Mi iberismo”, ensaio publicado originalmente em 1988.

Há na América um número muito grande de povos cujas línguas são a espanhola e portuguesa. Por outro lado, nascem em África novos países que são as nossas antigas colónias (...) vejo uma enorme área ibero-americana e ibero-africana, que terá certamente um grande papel a desempenhar no futuro (...) Não se trata de um quinto nem sexto nem sétimo império. Trata-se apenas de sonhar (...) com uma aproximação entre estes dois blocos⁹. (BALTRUSCH, 2016, p. 15)

A esta proposta está inerente uma postura ética e de responsabilidade, imprescindível para que estes países se redimam da colonização dos países a sul. Assim, numa perspetiva de crítica relativamente a um passado colonial, está patente o desejo de uma “ampliação plural da identidade cultural” (BALTRUSCH, 2016, p. 16) através de um diálogo que só ilusoriamente já acontecia, necessitando, por isso, de esforços mais significativos:

Dirão os governos de Portugal e Espanha, provavelmente, que as relações culturais com os países com que temos afinidades históricas deste tipo estão vivas, prósperas, e, pelo esforço deles e nosso, prometidas a ainda melhor futuro. Não me parece que seja assim. (SARAMAGO, 1993)

José Saramago contemplou a possibilidade de não existir desejo de profundos relacionamentos por parte destas geografias mais distantes: “Admito que, por suas certas ou erradas razões, queiram esquecer-se de nós esses com quem um dia nos encontrámos (SARAMAGO, 1993).” Não obstante, persiste o seu *sonho*, numa visão do autor que poderá encaixar-se no seu “ideal utópico saramaguiano”, que “supõe uma busca que se traduz num processo de (re)aprendizagem que começa e acaba no próprio ser humano (BALTRUSCH, 2014, p. 19)”. Contudo, não deixa de ser simultaneamente pragmática, instigadora de ação (Idem, 2014, p. 11), como se verifica por tanto incitar à reflexão acerca destas questões identitárias e à reinvenção, como de resto demonstram os discursos que foi proferindo em público.

Uma semelhante postura de reparação foi exigida por José Saramago à Europa, que de muito tem a retractar-se, para além da necessária mudança na postura do presente: “Não creio que venha a existir uma Europa autenticamente nova se esta em que vivemos não conseguir organizar-se segundo os ditames de uma ética de responsabilidade¹⁰” (SARAMAGO, 2020, p. 87). O autor opunha-se fortemente à integração no organismo europeu, considerando ser “um grande engano”, até porque a adesão à CEE fora, na sua opinião, erradamente apresentada como uma solução para todos os problemas dos países ibéricos¹¹ (REIS, 2015, p. 154). Criticava o próprio princípio de uma União Europeia: “nenhum país ou grupo de países, tratado ou pacto, por mais rico e poderoso que seja, deveria propor-se como mentor ou guia dos restantes¹²” (SARAMAGO, 2016, p. 103). Esse seu ceticismo assumido relativamente à Europa (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 439) provinha essencialmente do que entendia ser um desnivelamento de poder entre os vários países do continente, causando a “existência de duas Europas, a central e a periférica, com o resultante e pesado lastro histórico de injustiças, discriminações e ressentimentos¹³” (SARAMAGO, 2020, p. 85). E, assim, a União Europeia

⁹ Saramago em entrevista: “A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (1986).

¹⁰ Conferência de José Saramago proferida em 1999.

¹¹ Entrevista de José Saramago a Carlos Reis em 1997.

¹² Publicado originalmente no jornal *Libération*.

¹³ Conferência de José Saramago proferida em 1999.

teria o propósito de beneficiar os países desse primeiro grupo, cujos interesses norteariam as suas políticas (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 442).

Para além disso, José Saramago entendia que as semelhanças culturais entre os territórios da Península Ibérica constituíam, por si só, um conjunto que se demarcava profundamente dos países vizinhos do continente. Como agravante, a seu ver, o projeto europeu não demonstrava interesse em compreender e respeitar essa cultura idiossincrática:

Para alguns Estados europeus, culturalmente superiores segundo a narcísica opinião que de si mesmos alimentam, o resto da Europa sempre foi algo vago e difuso, um pouco exótico, um pouco pitoresco, merecedor, quando muito, da atenção de antropólogos e arqueólogos, mas onde, apesar de tudo, contando com adequadas colaborações locais, ainda se podiam fazer alguns bons negócios...(GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 87)

Defendendo não ser “antieuropeu”, o autor reconhecia que Portugal e Espanha tinham uma relação com o continente, que não deveria ser totalmente abandonada. Contudo, enfatizava as ligações históricas com a América do Sul, que mais aproximavam os respetivos povos de um ponto de vista linguístico e cultural e acentuavam a identidade ibérica (GÓMEZ AGUILERA, 2010, pp. 439-448).

Ademais, Saramago reforçava o objetivo de um grupo europeu maioritário de apropriar-se da cultura de um ponto de vista utilitário, com um prejudicial diluição das diferenças entre os vários países-membros, postura que colocava em risco a identidade dos povos ibéricos:

têm para a cultura um projeto mercantilista, como se, tendo herdado espiritualmente Camões, Cervantes e Goethe, não tivessem outra ambição que encontrar o modo mais expedito de os converter em euros. (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 91)

nada temos a ver com a Europa. As tentativas de nos dissolverem na Comunidade Europeia, em termos culturais e económicos, podem matar para sempre a nossa identidade¹⁴. (Idem, 2010, p. 441)

Estas opiniões, expostas por Saramago em ensaios, entrevistas e discursos, estão presentes na narrativa d’*A Jangada de Pedra*. Talvez se possa afirmar que neste romance José Saramago ensaia a união económica, política e cultural entre os territórios da Península Ibérica, autónomos relativamente ao continente europeu. Nesta narrativa ficcional, a separação da Europa acontece literalmente através de uma inexplicável falha geológica nos Pireneus que transforma a península numa ilha, metaforicamente jangada, que, inicialmente, se movimenta à deriva no Oceano Atlântico.

Esta separação física acentua as diferenças entre os países ibéricos e a restante Europa, especialmente a do Norte, com os dirigentes dos países desta última a manifestarem sobranceria relativamente aos países da jangada, para além do desmascarar de uma falsa união entre os países membros e do desinteresse quanto ao destino dos peninsulares, desde que não causassem esforços de maior.

a Comunidade Económica Europeia tornou pública uma declaração solene, nos termos da qual fica entendido que o deslocamento dos países ibéricos para ocidente não poria em causa os acordos em vigor (...) alguns países membros chegaram a manifestar um certo desprendimento, palavra sobre

¹⁴ José Saramago em entrevista: “José Saramago: um olhar que se vigia”, *Diário de Lisboa* (1982).

todas exacta, indo ao ponto de insinuar que se a Península Ibérica se queria ir embora, então que fosse, o erro foi tê-la deixado entrar. (...) os comissários português e espanhol repudiaram energicamente a atitude deselegantemente provocatória e indubitavelmente anticomunitária, citando, cada qual na sua língua, o conhecido ditado ibérico, Os amigos são para as ocasiões. (SARAMAGO, 1986, pp. 44-45)

juntou ao discurso solene uma ironia que fez rir todos os deputados. O senhor primeiro-ministro incorreu numa grave falta de precisão vocabular quando chamou península àquilo que já é hoje, sem qualquer dúvida, uma ilha, ainda que sem a firmeza da nossa, of course. Os deputados da maioria aplaudiram a conclusão e trocaram sorrisos complacentes com os adversários, para unir os políticos não há como o interesse da pátria, verdade incontroversa. (Idem, 1986, p. 52)

É notória também a ideia de que os países-membros desta União têm diferenças insuperáveis (e que não se desejam superar), encontrando-se agregados por motivos questionáveis e não decorrentes de características partilhadas, algo manifestamente denunciado pelo desconhecimento mútuo que impera e que incitava a descrença de Saramago quanto ao futuro de uma Europa com tiques de perfeição:

para certos europeus, verem-se livre dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmastreada pelo mar oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias ainda mais confortáveis, cada qual com seu igual, começámos finalmente a saber o que a Europa é, se não restam nela, ainda, parcelas espúrias que, mais tarde ou mais cedo, por qualquer modo se desligarão também. Apostemos que em nosso final futuro estaremos limitados a um só país, quinta-essência do espírito europeu, sublimado perfeito simples, a Europa, isto é, a Suíça. (Ibidem, 1986, p. 161)

Paralelamente, José Saramago ilustrou a união dos governos português e espanhol na gestão da situação, agravada pela incerteza quanto ao futuro da jangada:

reuniram-se em local secreto os primeiros-ministros dos dois países, primeiro a sós, depois com membros dos respectivos governos, conjuntamente e em separado, foram dois dias de conversações exaustivas, tendo sido resolvido, finalmente, constituir uma comissão paritária de crise, cujo objectivo principal seria coordenar as acções de defesa civil de ambos os países, em ordem a facilitar a potenciação mútua dos recursos e meios técnicos e humanos para o enfrentamento do desafio geológico (Ibidem, 1986, p. 43)

Contudo, esta revela ser uma relação algumas vezes ensombrada pelas desconfianças latentes e históricas entre os dois países (incluindo a antiga possibilidade de junção entre Portugal e Galiza), à qual não é alheia a discussão iberista:

em Madrid desconfia-se que o governo português irá para essas negociações [de política concertada entre os países ibéricos] com uma reserva mental, qual seja a de pretender, futuramente, extrair benefícios particulares da maior proximidade em que se achará das costas canadianas ou norteamericanas, depende. E sabe-se, ou julga-se saber, que entre certos meios políticos portugueses circula um movimento tendente a um entendimento bilateral, embora de carácter não oficial, com a região da Galiza, o que,

evidentemente, não irá agradar nada ao poder central espanhol, pouco disposto a tolerar irridências, por muito disfarçadas que se apresentem, havendo mesmo quem diga, com acerba ironia, e tenha posto a correr, que nada disto teria acontecido se Portugal fosse do lado dos Pirenéus, e, melhor ainda, se ficasse agarrado a eles ao dar-se a ruptura, seria a maneira de acabar, de uma vez para sempre, pela redução a um só país, com esta dificuldade de ser ibérico, mas aí enganam-se os espanhóis, que a dificuldade subsistiria, e mais não diremos. (Ibidem, 1986, p. 283)

Ao longo d'A *Jangada de Pedra* misturam-se elementos das regiões da Península Ibérica, desde logo o núcleo principal de personagens, que conta com homens e mulheres de Portugal e de Espanha (incluindo da Galiza, com uma pequena sugestão de esta região não ser necessariamente pertencente a Espanha: “a Galiza é a terra doutros (SARAMAGO, 1986, p. 178)”), para além de apontamentos acerca de referências culturais de ambos os países (a título de exemplo: “Então, como é que chama ao seu burro, Platero (...) Platero e yo” (Idem, 1986, p. 71) ou a conflitos ibéricos históricos (“a sua mágoa histórica chama-se Olivença e este caminho não leva lá.” (Ibidem, 1986, p. 71)). Este grupo de ibéricos e o cão Constante viajam um pouco por toda a península, ela própria em constante movimento, dando a conhecer várias paisagens e pequenas notas históricas acerca dos muitos espaços percorridos (“Joaquim Sassa e José Anaíço dormiram em Aracena, repetindo o feito de D. Afonso o Terceiro, nosso rei, quando a conquistou aos mouros” (Ibidem, 1986, pp. 71-72)).

Assim, o romance pode conduzir a uma reflexão acerca das fronteiras, ostensivamente frágeis, não fossem, mais do que físicas, psicológicas, afirmadas na identidade coletiva dos povos. Após a separação do continente, as fronteiras mantidas entre Portugal e Espanha vão perdendo a sua importância, sendo facilmente ultrapassáveis ou, a dada altura, mesmo omissas, aspeto relevante num tempo ainda distante da permissão de livre circulação entre vários países que o Acordo Schengen traria apenas em 1997. Deste modo, é possível às personagens deslocarem-se com facilidade, retratando a diversidade e, simultaneamente, as semelhanças entre as regiões da península. Já no que toca à Europa, facilmente se acostumaram à nova geografia, sem acentuados lutos pela perda do que apenas era “qualquer coisa de apendicular¹⁵” (SÁEZ DELGADO, no prelo):

Os europeus, desde os máximos governantes aos cidadãos comuns, depressa se tinham acostumado, suspeita-se que com um inexpresso sentimento de alívio, à falta das terras extremas ocidentais, e se os novos mapas, rapidamente postos em circulação para actualização cultural do popular, ainda causavam à vista um certo desconforto, seria tão-somente por motivos de ordem estética. (SARAMAGO, 1986, pp. 160-161)

A península, agora ilha, simula algumas paragens: a dada altura supõe-se que se aproxime da América do Norte, onde parece vir a ser bem recebida, embora logo se compreenda que, tal como acontecera com os antigos vizinhos europeus, persiste uma inferiorização dos países ibéricos:

devendo desde já iniciar-se um estudo com vista a introduzir alterações convenientes nas respectivas leis de imigração, reforçando sobretudo as suas disposições cautelares, não julguem os espanhóis e portugueses que podem

¹⁵ José Saramago em entrevista a Inês Pedrosa: “A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (1986).

entrar-nos pela casa dentro sem mais nem quê, a pretexto de passarmos a ser vizinhos de patamar. (Idem, 1986, p. 282)

Tanto a Europa como a América do Norte recusam ter uma atitude ética, movendo-se apenas em função dos próprios interesses e numa lógica de prevenção de danos:

Também tinha sido pedida à Organização do Tratado do Atlântico Norte uma declaração de solidariedade atlantista, mas a resposta, não sendo embora negativa, veio a resumir-se numa frase impubescível, *Wait and see*, o que, aliás, não exprimia nenhuma inteira verdade, considerando que, pelo sim, pelo não, haviam sido postas em estado de alerta as bases de Beja, Rota, Gibraltar, El Ferrol, Torrejón de Ardoz, Cartagena, San Jurjo de Valenzuela, para não falar de instalações menores. (Ibidem, 1986, p. 45)

A jangada acaba por estacionar a sul, numa localização propícia à “bacia cultural atlântica¹⁶” (BALTRUSCH, 2016, p. 15) e numa inversão do eixo Norte-Sul:

A península parou o seu movimento de rotação, desce agora a prumo, em direcção ao sul, entre a África e a América Central (...) parece gémea dos dois continentes que a ladeiam, vemos Portugal e Galiza ao norte, ocupando toda a largura, de ocidente para oriente, depois a grande massa vai-se estreitando, à esquerda ainda com a saliência de um bojo, Andaluzia e Valência, à direita a costa cantábrica e, na mesma linha, a muralha dos Pirenéus. O bica da pedra, a proa cortadora, é o cabo Creus, trazido das águas mediterrâneas para estes alterosos mares. (SARAMAGO, 1986, p. 323)

A este – pelo menos, aparente – final de viagem da jangada (que, afinal, não estaria à deriva), estão associados sinais de esperança e renovação, como a vara de negrilho que rejuvenesce, ou a ainda mais significativa gravidez de todas as mulheres da Península Ibérica:

A península parou. (...) Os homens e as mulheres, estes, seguirão o seu caminho, que futuro, que tempo, que destino. A vara de negrilho está verde, talvez floresça no ano que vem. (Idem, 1986, p. 323)

A mutação da península em ilha remeteu alguns para a *Utopia*, de Thomas More (BALTRUSCH, 2014, p. 10). À semelhança da ilha Utopia, também esta ex-península é uma ilha afastada – em afastamento - dos ideais negativos da organização dos territórios seus contemporâneos. O próprio autor relaciona algumas vezes, nas várias entrevistas, toda esta sua ideia de mudança ao sonho, ainda que seja um sonho possível e necessário. Contudo, importa ter em mente que “Saramago não quis entender a utopia como uma via paralela à realidade, mas como uma extensão do presente histórico no amanhã” (Idem, 2014, p. 16). Ou seja, ainda que se notem ecos de uma busca que podemos pensar utópica, a utopia saramaguiana revestia-se de pragmatismo, dizendo o autor que

não sou um utopista (...) admiti (...) que me desagrada o discurso sobre a utopia, é porque o discurso sobre a utopia é o discurso sobre o não existente. (...) O dia de amanhã é a nossa utopia. (...) é com o trabalho do hoje que este amanhã será¹⁷. (SARAMAGO, 2014, pp. 87-88)

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

Certo é que esta jangada procura uma nova possibilidade de mundo e de ser, numa tentativa de rutura com os valores vigentes numa Europa da qual José Saramago se distanciava:

Um dia que já lá vai, D. João o Segundo, nosso rei, perfeito de cognome e a meu ver humorista perfeito, deu a certo fidalgo uma ilha imaginária, diga-me você se sabe doutro país onde pudesse ter acontecido uma história como esta, e o fidalgo, que fez o fidalgo, foi-se ao mar à procura dela, gostaria bem que me dissessem como se pode encontrar uma ilha imaginária, A tanto não chega a minha ciência, mas esta outra ilha, a ibérica, que era península e deixou de o ser, vejo-a eu como se, com humor igual, tivesse decidido meter-se ao mar à procura dos homens imaginários. (SARAMAGO, 1986, p. 65)

Fica, todavia, a nota de José Saramago de que esta ilha poderia retomar ao seu lugar histórico, caso se verificasse a mudança desejada e necessária:

estaria pronto a fazer regressar do mar a errante jangada, depois de alguma coisa ter aprendido de vitalmente necessário durante a sua navegação, se a Europa, reconhecendo-se, de facto, incompleta sem a Península Ibérica, viesse a fazer pública confissão dos erros cometidos, das injustiças e dos desprezos com que durante tantos anos tratou dois povos a quem deve muito mais do que aquilo que tem querido reconhecer. Porque, enfim, se de mim se espera que ame a Europa como à minha própria mãe, o mínimo que devo exigir-lhe é que ame a todos os seus filhos por igual e, sobretudo, que por igual os respeite a todos¹⁸. (SARAMAGO, 2016, p. 105)

Considerações finais

No panorama literário e no que aos iberismos diz respeito, poderá assumir-se José Saramago como um caso de especial interesse. Em primeiro lugar, por ser, possivelmente, tanto “el único escrito peninsular que ha tomado consciencia de ser el «primer» escritor ibérico” (MOLINA, 1990, p. 288) como o último dos iberistas (SÁEZ DELGADO, no prelo). Mais do que isso, Saramago foi muito além dos vários iberismos e desenvolveu o seu próprio conceito transibérico, que ultrapassou as discussões que o antecederam na Literatura. A sua profunda reflexão acerca do assunto levou-o a compreender que os iberismos eram anacrónicos e, por conseguinte, existia a necessidade de uma visão adequada a um mundo globalizado:

sugiro que substituamos o velho iberismo, morto e inviável nos tempos de hoje, por um sentido transiberista da nossa posição no mundo, um iberismo à medida das necessidades do nosso tempo. (SARAMAGO, 1993)

Sabendo que, tal como acontecera com Oliveira Martins e Antero de Quental, “ser ibérico equivalía, o equivale, “a rozar peligrosamente la traición, ser europeo representa el toque final de la perfección e la vía ancha para la felicidad eterna” (MOLINA, 1990, pp. 7-8), o autor persistiu na sua crítica a uma Europa que acreditava necessitar de uma profunda reestruturação.

¹⁸ Publicado originalmente no jornal *Libération*.

Tal como já foi referido, o posicionamento de José Saramago acerca da questão ibérica foi razão de muito tumulto, como de resto já lhe acontecera com obras publicadas. Uma sua entrevista ao *Diário de Notícias*, em 2007, em que abordou este assunto, espoletou cabeçalhos e notícias de diversos jornais internacionais. Por sua vez, a atenção dada pela imprensa a este assunto desencadeou variadas análises em redor das possibilidades de uma Ibéria, contando com o estudo da opinião pública acerca da questão.

Também em Espanha a análise das palavras do Nobel foi intensa, gerando vários artigos de opinião diferenciada. Comparativamente a tais furores, em Portugal a imprensa reagiu de forma mais modesta, sendo os artigos de opinião a expressão mais assinalável (CÉU E SILVA, 2008, p. 148). E, ainda que nos territórios em questão tenham existido esforços para categorizar estas opiniões como pertencentes à esfera cultural, internacionalmente a questão foi tratada sobretudo pela sua mensagem política. (SÁEZ DELGADO, no prelo)

Sendo um autor de referência geral, graças ao Prémio Nobel, também o é no polissistema literário ibérico, sendo relativamente fácil compreender o impacto que a sua obra e, particularmente, este posicionamento causou neste polissistema. No que a Portugal diz respeito, a razão é clara, relacionada com a sua nacionalidade e relação com o país. Com a mudança para Espanha (polvilhada de estadias em Lisboa), foi considerado como pertencente também a este sistema literário, o sucessor de Fernando Pessoa quanto ao impacto da literatura portuguesa na cultura daquele país. (JUSTO, 2008, p. 198)

Referências

BALTRUSCH, Burghard. “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia. Sobre a utopia e ficção em José Saramago”. In, BALTRUSCH, B. (ed.), **O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia. Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago**, pp. 9-28. Berlim: Franck & Timme Verlag, 2014.

BALTRUSCH, Burghard. “Nos 30 anos d’A Jangada de Pedra: José Saramago e a atualidade do discurso da «trans-ibericidade»”. **Fénix - Revista de História e Estudos Culturais**, n. 2, 13 (2016), pp. 2-23.

CÉU E SILVA, João. **Uma longa viagem com José Saramago**. Porto: Porto Editora, 2008.

GÓMEZ AGUILERA, Fernando. **José Saramago – Nas suas palavras**. Lisboa: Caminho, 2010.

JUSTO, Carlos Pazos. “A «Jangada de Pedra» de José Saramago: repertório e sistema interliterário ibérico”. **Dacrítica. Ciências da Literatura**, n. 22, 3 (2008), pp. 197-209.

MARCOS DIOS, Ángel. “Unamuno y la literatura portuguesa”. In SÁEZ DELGADO, A.; GÁSPAR, L. M. (eds.), **Suroeste. Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)**, pp. 129-139. Badajoz: MEIAC e Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, 2010.

MATOS, Sérgio Campos. “Conceitos de Iberismo em Portugal”. **Revista de História das Ideias**, 28 (2007), pp. 169-193.

MOLINA, Cesar Antonio. **Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa**, prólogo de José Saramago. Madrid: Akal, 1990.

PÉREZ ISASI, Santiago. “Literatura, iberismo(s), nacionalismo(s): Apuntes para una historia

del iberismo literário (1868-1936)”. **Revista Electrónica de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada**, 11 (2014), pp. 64-79.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Porto: Porto Editora, 2015 [1ª ed. 1998].

SÁEZ DELGADO, Antonio. **Espíritus contemporâneos. Relaciones literárias luso-españolas entre el modernismo y la vanguardia**. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2008.

SÁEZ DELGADO, Antonio; PÉREZ ISASI, Santiago. **De espaldas abiertas. Relaciones literarias y culturales ibéricas (1870-1930)**. Granada: Comares, 2018.

SÁEZ DELGADO, Antonio. “José Saramago, transiberista”. (no prelo).

SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. Lisboa: Caminho, 1986.

SARAMAGO, José. “Ibéria entre Europa e América Latina”. Conferência em Edimburgo, 1993. Disponível em <https://www.josesaramago.org/iberia-entre-europa-e-america-latina/>

SARAMAGO, José. José Saramago no Fórum Social Mundial”. **Blimunda**, n. 20 (2014), pp. 84-90.

SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma jangada”. **Blimunda**, 55 (2016), pp. 97-105.

SARAMAGO, José. “Que Europa queremos?”. **Blimunda**, 94 (2020), pp. 85-97.

SARDICA, José Miguel. “The cultural discourse of contemporary Portuguese Iberianism”. **International Journal of Iberian Studies**, n. 27, 1 (2014), pp. 55-70.

PIZARRO, Jerónimo e LÓPEZ, Pablo Javier (eds.). **Fernando Pessoa, Ibéria. Introdução a um Imperialismo Futuro**. Lisboa: Ática, 2012.

